

OS PIORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

Caro amigo, atenção... Pela primeira vez, esta revista tem a coragem de expor toda a verdade sobre um gênero maldito. Neste papel estão todas as evidências, fatos e testemunhos que nos guiarão numa missão ao desconhecido, misterioso e inexplicável mundo dos filmes "trash". Antes de continuar, pense bem... Você está mesmo preparado para nos acompanhar nessa terrível jornada?

EDUARDO CARDOSO, GUILHERME CARDOSO E MANUELA OSÓRIO

Para quem pensa que o cinema nacional é feito apenas de *Centrais do Brasil* e *Quatrilhos*, um camelô nordestino semi-analfabeto surpreende num gênero nem sempre visto com bons olhos: o cinema trash. Péssimos atores, roteiros manjados e cenários de papelão caracterizam essas produções baratas e, para a maioria, descartáveis.

Com 62 anos, o alagoano Simião Martiniano não gasta mais do que três mil dólares, uma "pechincha", em produções como *Herói Trancado* (1988) e *O Vagabundo Faixa-preta* (1994). Nesse último, o herói é uma espécie de Bruce Lee "severino", que entre uma rapadura e outra distribui socos e pontapés.

Atualmente, Simião divide seu tempo entre uma banquinha de CDs e a finalização de seu último trabalho, *A Moça e o Rapaz Valente*. Como seus outros filmes, esse também será exibido em cinemas "poeira", localizados nos bairros pobres de Recife. O roteiro, para lá de surrado, conta a história de uma virgem que se apaixona por um bandido. Mas Simião não está sozinho. Afonso Brazza, um bombeiro de Brasília, ficou



Francis Dade e Bela Lugosi numa cena de *Drácula*

famoso há pouco tempo por produzir filmes tão violentos quanto mal acabados. Casado com uma ex-atriz de filmes pornográficos, estrela de *Inferno no Gama* (obra-prima do diretor), Brazza é uma mistura de Sylvester Stallone com Tony Tornadoro.

Loira incendiária é outra "pérola" do trash nacional. Rodado em três dias, teve aproveitamento de 95% do material filmado - tudo em preto e branco. O diretor, Mauro Lima, é quase um estranho no ramo, pois trabalha com publicidade na agência Norton/SP. O custo total da "brincadeira" foi de 10 mil reais. Nada mal para uma produção que tem Guilherme Karam nos créditos. Engana-se quem pensa que esse tipo de cinema é coisa de países mais pobres. Aliás, foi nos Estados Unidos que o gênero surgiu e até hoje é cultuado. Na verdade, a estética "trash" é formada por outros sub-gêneros, entre eles o "splatter", o "exploitation" e o "beach movie".

Esse último sub-gênero, que teve seu auge entre os anos 50 e 60, pode ser avaliado qualitativamente pela presença de mulheres nuas, ou quase. Geralmente a palavra "bikini" (escrita



Os Batutinhas: pode não ser *trash*, mas certamente é um dos piores

assim mesmo), quando não aparece no título, está nos cartazes dos filmes. Muito antes disso, na década de 30, surgiram os primeiros "exploitation movies". Feitos na medida certa para driblar um novo código de ética que estava sendo imposto em Hollywood, esses filmes abordavam temas polêmicos, como sexo e drogas, de forma distante e documental. Um exemplo é *Marihuana*, de 1935. *Diary of a Nudist* (1961), *Mondo Topless* (1966) e *Weird World of LSD* (1967) são outras expressões desse sub-gênero, praticamente morto. O chamado "splatter movie" é mais radical. Muito sangue, tripas e zumbis maquiados com tinta guache caracterizam essas produções, que tiveram seu "boom" nos anos 80 - principalmente nos Estados Unidos e (pasmem) Itália. É de lá que veio um dos mais cultuados diretores do gênero, Lamberto Bava, que no final dos anos 70 filmava verdadeiras atrocidades como *Último Mondo Cannibale* e *Cannibal Holocaust*.

No cinema "trash", criatividade sempre foi a alma do negócio. Sem orçamento para bancar grandes campanhas e competindo no mesmo terreno dos grandes estúdios, produtores como William Castle, o mesmo de *O Bebê de Rosemary*, faziam de tudo para divulgar seus filmes.

Castle se especializou em formas bizarras de publicidade. No lançamento de *13 Ghosts*, em 1960, mandou

distribuir óculos "que permitiam à platéia penetrar num mundo sobrenatural", isto é, ver fantasmas. Esse curioso artefato tinha até um nome: "ilusion-O". Em outro filme, o próprio produtor alertava num trecho exibido antes das sessões: "Cuidado, você poderá sentir algumas das sensações físicas experimentadas pelos atores na tela". Nas cadeiras, fios elétricos garantiam choques durante as partes mais aterrorizantes da história: uma delícia...

Trash: algo de qualidade e valor extremamente baixo. Lixo.

Longman Handy Learner's Dictionary

Antes de Castle, outros produtores utilizaram estratégias semelhantes. Na estréia de *Frankenstein*, em 1931, uma ambulância foi estacionada na porta do cinema. No salão de entrada, enfermeiras se ofereciam para tirar pressão. Para completar o "circo", no meio da sessão uma mulher histérica saía do cinema aos prantos, como se estivesse assustada com o monstro. Mas ninguém soube explorar melhor o filão trash do que os produtores Sam Arkoff e Jim Nicholson. No comando de uma verdadeira fábrica de porcarias, a American International Pictures (AIP),

a dupla produziu verdadeiros clássicos da mediocridade como *I Was a Teenage Werewolf* e *Invasion of the Saucer Man* (ambos de 1957). Na maioria das vezes, eles inventavam um título de impacto, mandavam desenhar um cartaz, e só depois pensavam no filme - que nunca era feito com mais de US\$ 20 mil (no início dos anos 60). Na década de 70, depois de esgotar o filão "adolescente", a AIP descobriu um novo público: os negros americanos. Em 1972, produziu *Blackula*, um marco num sub-gênero que ficou conhecido como "blaxploitation". O argumento desses filmes celebrava o herói negro que escoraçava os brancos, dormia com as mulheres que desejava e acabava cheio da grana. Geralmente, os atores eram ex-atletas, empolgados por continuar ganhando dinheiro, mesmo depois de terem abandonado o esporte. Em 1973, a AIP foi mais longe ainda produzindo uma versão cheia de swing de *O Poderoso Chefão: Black Ceasar*. Com trilha sonora de James Brown, o filme conta a saga de um negro que enfrenta a máfia e se torna o homem mais temido do Harlem. Atentos ao sucesso da AIP, outros produtores apostaram suas fichas no gênero. *Cleopatra Jones*, *Blackenstein* (ambos de 1973) e *Soul Vengeance* (1975) representam bem esse momento. Recentemente, Hollywood ressuscitou o filão "blax" investindo no novo filme de Tarantino,

Jackie Brown, que traz a musa Pam Grier, como heroína. Para quem não sabe, Grier ficou famosa como a assassina "Foxy Brown", outra produção "setentona" da AIP. Sem balançar sua cabeleira afro, ela distribuía pancadas e tiros em qualquer um que cruzasse seu caminho. Não é de hoje que Hollywood busca referências em produções mais modestas. O filme *Caçadores da Arca Perdida*, por exemplo, foi inspirado em uma antiga série de aventuras dos anos 40, *Nyoka and the Lost Scroll of Hipocrates*. O roteiro de *Alien* é uma cópia do mal acabado *It! Terror from Beyond Space*.

Na verdade, produções de baixo custo também são uma escola para quem está entrando na indústria cinematográfica. Pouca gente sabe, mas o astro Jack Nicholson começou sua carreira em filmes como *Hell's Angels on Wheels* (1967) e *Psycho-out* (1968), ambos dirigidos por Richard Rush. Só para dar uma idéia, *Psycho-out* conta a história de uma garota surda que vai para Califórnia à procura do irmão, mais interessado em LSD e outros delírios psicodélicos. Sua única pista é um cartão postal com os dizeres: "Deus está vivo e morando num cubo de açúcar".

Antes disso, Nicholson já havia trabalhado com outro revelador de talentos, o diretor e produtor Roger Corman, uma verdadeira lenda. Corman, que ficou rico rodando filmes em tempo recorde e com orçamentos miseráveis, oferecia os mais baixos salários de Hollywood. Sua irresponsável generosidade (Corman contratava pessoas que nem sabiam o que era uma câmera) atraiu gente como Francis Ford Coppola, Jonathan Demme e Martin Scorsese. Essa história, porém, fica para outra hora...

A personificação do "trash"

Um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial fez fama de uma forma muito mais peculiar do que as balas e as bombas poderiam lhe permitir. Ao ser condecorado com medalhas por bravura, poucos dos generais americanos poderiam esperar que Edward D. Wood Júnior estaria recebendo suas honras

Os Dez Mandamentos do filme Trash

1. Todo feriado tende a virar filme trash. Não se espante se lançarem *O Dia do Zumbi... dos Palmares*.
2. Uma lição: nunca sacaneie gente com problemas de relacionamento. Num filme trash isso sempre é fatal.
3. Seja esperto e faça como o produtor de *Alien Terminator* - junte dois títulos de sucesso num filme horroroso.
4. Criatividade é a alma do negócio. Nada de sequências I, II, III, IV e V. Seja sutil tipo: *A filha de...*, *O Irmão de...*, etc.
5. Gaste todo seu orçamento no trailer e faça o resto com o dinheiro que sobrar.
6. Nunca tome banho num filme trash! Chuveiros, lagos, praias, banheiras e rios são lugares de alto risco.
7. Trabalhe com quem foi rejeitado pela indústria e divulgue seu produto assim: *Do diretor de...*, *do ator de...*, *do produtor de...*, e por aí vai...
8. E se seu herói morrer e o filme fizer sucesso? Sem problemas, na sequência apele para a engenharia genética!
9. Se um dia refilmar *Os Dez Mandamentos*, economize botando no roteiro apenas nove. Ninguém vai reparar.

com calcinhas e sutiãs rosa por baixo do uniforme.

Assim era Ed Wood, escolhido em 1980 como o pior diretor de todos os tempos. Uma fama que sua mãe, Lilian Wood, jamais imaginaria, no tempo em que ela o vestia com roupas de meninas, porque gostaria que sua cria não fosse homem.

Lixo: tudo o que não presta e se joga fora. Coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

Wood começou na carreira artística em 1948, quando escreveu e dirigiu a peça teatral *The Casual Company*, sobre a Segunda Grande Guerra. Um fracasso, como praticamente tudo o que ele tocou com seus "dotes" artísticos. O único sucesso de público do diretor foi *Bride of the Monster* (Noiva do Monstro), filme produzido originalmente como *Bride of the Atom* (Noiva do Átomo). Mas Ed não pôde se aproveitar do sucesso financeiro da película, porque a vendera a produtores antes de ela estourar nas bilheterias.

Seu primeiro filme, escrito, dirigido, produzido e estrelado por ele, foi *Glen ou Glenda*. Um desastre, que não chegou a estrear na Los Angeles dos anos 50, sendo passado apenas em estados bem distantes da indústria de Hollywood, como Alabama. A estória do homem que gostava de se vestir com as roupas de sua namorada talvez tenha se inspirado na própria vida do diretor.

Uma das atitudes louváveis da vida inglória de Wood foi tentar trazer das cinzas o astro do filme de terror Bela Lugosi. Conhecido como a mais representativa face do Drácula, o ator húngaro estava esquecido e entregue às drogas. Ed se tornou seu amigo, e produziu filmes pensando em levar Lugosi de volta ao estrelato, e, junto com o ator, conquistar Hollywood. Infelizmente, Bela só voltou a ter seu nome entre os astros após a sua morte.

Mas ele está nos créditos da película mais famosa do diretor: *Plan 9 from Outer Space* (Plano 9 do Espaço Sideral), considerado o pior filme de todos os tempos. Foi essa a grande marca de Wood, a péssima qualidade, que o fez o mais "trash" entre todos. Por sua incapacidade como diretor, ele passou a ser cultuado após sua morte, aos 53 anos, em 1978. Sua história não

poderia ter um final mais digno de seus filmes: hoje, ele é adorado por uma seita religiosa que o considera um salvador do mundo.

José Mojica: o "trash" no Brasil

"Para os curiosos, fofoqueiros, amigos da desgraça alheia, minha vida é um prato cheio". Nascido numa sexta-feira treze, José Mojica Marins, mais conhecido por seu personagem Zé do Caixão, é o cineasta brasileiro que mais se dedicou ao estilo trash de fazer cinema. Autor de "pérolas" como *À Meia-noite Levarei sua Alma*, *Delírios de um Anormal* e *O Despertar da Besta*, Mojica nunca ficou rico. Um dos seus maiores sucessos, *Esta Noite Encarnarei no teu Cadáver*, visto por quase seis milhões de pessoas só no cinema, foi vendido antes da estréia para quitar uma dívida com o produtor Augusto Pereira.

Até mesmo o nome do cineasta parece ter saído de um roteiro de filme barato. Tentando homenagear seu cunhado predileto, o pai de Mojica provocou uma surreal coincidência. Para quem não sabe, José Mojica é também o nome de um dos cantores líricos mais famosos dos anos 20 e 30, que, depois de uma vida de sucesso, resolveu virar monge.

José Mojica Marins numa cena do filme *Esta Noite Encarnarei no teu Cadáver*



O primeiro filme do nosso Mojica foi rodado num galinheiro. Os atores eram seus vizinhos. Daí, o cineasta resolveu voar mais alto... Em uma sinagoga abandonada no Brás, em São Paulo, fundou sua "Vera Cruz dos excluídos" - um estúdio mambembe, onde eram realizados testes "macabros" para a escolha de elenco.

Apesar de ser admirado por grandes nomes como Glauber Rocha, Luís Sérgio Person e Carlos Reichenbach, José Mojica nunca conseguiu financiamento público para rodar seus filmes, cerca de 150. Para ele, com seu horror de gibi, a Embrafilme sempre virava as costas. O cineasta era obrigado a finalizar seus trabalhos com dinheiro de empresários picaretas. Para piorar as coisas, ainda sofria perseguições da censura oficial e religiosa. Nos anos 70, para sobreviver, Mojica fez até uma série de filmes pornográficos, entre eles *24 Horas de Sexo Explícito*, que tinha como estrela um pastor alemão.

Mas a fama mesmo veio através de seu personagem, Zé do Caixão, um agente funerário que "fabricava" seus defuntos. Tudo começou em um pesadelo, em que um homem de cartola e capa preta arrastava Mojica para um túmulo com a data de sua morte.

Na ânsia de promover seus filmes, o cineasta construiu um mito e um problema, tornando-o parte de sua vida. Durante 35 anos, Mojica deixou crescer suas unhas, alegando ser uma obsessão de Zé do Caixão. Em março deste ano, numa sexta-feira 13, Mojica cortou suas "garras" em uma performance. Na verdade, o cineasta corria o risco de perder a própria mão esquerda, prejudicada por uma atrofia muscular. As unhas da mão direita já haviam sido podadas há

quinze anos atrás, pelo mesmo problema.

Um homem maldito

A história de Zé do Caixão deixou de ser roteiro de filme e ganhou lugar na literatura. Sem a dramaticidade do famoso livro *O Médico e o Monstro*, os jornalistas André Barcinski e Ivan Finotti lançaram uma biografia que separa, pela primeira vez, José Mojica de sua criatura. "Maldito: a vida e o cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão", lançado pela Editora 34, tem revelações surpreendentes, mais de 250 fotos e 50 páginas com toda a "mojicografia" compilada - estabelecida por Carlos Primate - que reúne filmes, quadrinhos e outras obras do cineasta.

Mas trabalho de apuração mesmo foi descobrir a data de nascimento de José Mojica Marins: março de 1936. Segundo o autor André Barcinski, tudo começou quando, em 52, Mojica dava entrevistas a jornalistas mentindo a sua idade, na época dezesseis anos. Achava que dizendo-se mais velho teria mais credibilidade como cineasta. Só depois de conversar com alguns amigos de infância de Mojica, é que os autores perceberam uma disparidade de idade. Levaram quase um ano para descobrir um único documento que comprovasse a verdade. Ironia ou não, uma certidão de batismo.

Dentre os vários depoimentos coletados pelos autores, estão as opiniões de Carlos Reichenbach, Stanislaw Ponte Preta e Salvyano Cavalcanti de Paiva, além de uma epígrafe de Goethe e um prefácio de Rogério Sganzerla - que considera os filmes de Mojica "poderosos experimentos em direção ao indeterminado". Na contracapa, o autoritarismo de um censor da polícia federal: "um débil mental...se não fugisse à minha alçada, seria o caso de sugerir sua prisão".

Sites do trash

internet movie database

<http://www.imdb.com>

Oh, the humanity!

<http://www.glue.umd.edu/~alanquix-badmovies/oldindex.htm>